

Artigo Original

O Complexo de Édipo no Contexto da Psicanálise

Rubens Alberto Pera¹ e João Jorge Correa²

1. Acadêmico do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Foz do Iguaçu. Integrante do Programa de Iniciação Científica e pesquisador no Grupo de Pesquisa Psicanálise e Educação: Estudos e Pesquisas.

2. Professor Associado no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Foz do Iguaçu. Orientador no Programa de Iniciação Científica. Coordenador do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Educação.

rubensalberto@live.com e joaojorgecorrea@gmail.com

Palavras-chave

Complexo de Édipo
Psicanálise
Sexualidade infantil

Resumo:

O presente trabalho é parte de uma pesquisa originada no Programa de Iniciação Científica que trata das resoluções e transferências do Complexo de Édipo na contemporaneidade sob a perspectiva teórica da Psicanálise. O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica documental e digital tendo como motores de busca os termos “complexo de Édipo”, “sexualidade infantil”, “resoluções e transferências no Édipo” e “Édipo e contemporaneidade”. O objetivo primordial do estudo foi buscar elementos teóricos no campo psicanalítico que pudessem contribuir para o entendimento mais aprofundado do tema em questão, bem como estudar atentamente a formação da criança na fase edípica. Assim, abordamos temáticas clássicas e atuais relacionadas ao desenvolvimento das características que acompanharão a criança por toda a vida. Espera-se com o desenrolar do texto possibilitar ao leitor a visualização de uma linha psicanalítica da formação do indivíduo enquanto criança e suas influências na vida do adulto. Pretende-se com este estudo atender um interesse pessoal de compreender com maior profundidade um tema que está presente em nossas vidas e que se relaciona diretamente com o inconsciente. O estudo também contribuirá para entender melhor, no âmbito teórico, a criança edípica presente no ambiente escolar e assim, aproximar com conteúdos da pedagogia na perspectiva interdisciplinar.

Artigo recebido em: 08.04.2015.

Aprovado para publicação em: 06.05.2015.

INTRODUÇÃO

O complexo de Édipo ainda é um tema muito presente no debate acerca do desenvolvimento infantil, notadamente nos momentos em que se faz a reflexão sobre as relações possíveis entre a construção psíquica da criança e suas posteriores elaborações e resoluções na condição juvenil e adulta.

A própria presença do tema no campo teórico da Psicanálise tem início turbulento e tenso ainda quando das primeiras elaborações de Sigmund Freud, tanto no aspecto pessoal propriamente dito, quando o próprio se depara com sua condição edípica, quanto nas conduções mais teóricas, como por exemplo, nos “Três ensaios sobre a sexualidade”.

Toda a formulação freudiana sobre o complexo de Édipo regula-se pelo desejo do filho pela mãe, e também, da filha pelo pai. Trata-se do marco inicial das primeiras elucidações e tentativas de explicar os movimentos do inconsciente.

Pelo olhar de Freud (1996) o processo edípico se dá na fase fálica, momento em que a criança se depara com a diferenciação da anatomia sexual e é marcado pelo desejo libidinoso dos pais. Como contraponto, em Melanie Klein, comentada por Segal (1975), encontra-se uma perspectiva diferenciada para a etapa em que esse processo se inicia sendo remetida a mais tenra idade que aquela postulada por Freud.

Contemporaneamente pode-se afirmar que o conceito sofreu modificações e vem recebendo contribuições que o aprofundam e aprimoram mantendo-o ainda em evidência, mas evitando-se o risco dos reducionismos teóricos.

Em “Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa” Juan David Nasio apresenta de forma brilhantemente didática os meandros do Complexo de Édipo e seus vários movimentos.

Pelo olhar de Násio percebe-se sua preocupação em evitar o que denomina de “visão estática do complexo freudiano” (2007a, p. 9). Assim, para o autor “(...) o complexo de Édipo não é uma história de amor e ódio entre pais e filhos, é uma história de sexo (...). Não, Édipo nada tem a ver com sentimento e ternura, mas com corpo, desejo, fantasias e prazer (...). (2007a, p. 9-10).

A questão que propomos investigar na literatura pertinente ao tema é para onde vai o Édipo, como a criança soluciona o complexo e recalca as fantasias, os desejos e as angústias daí advindas. Neste sentido, o desejo é compreender as resoluções e transferências edipianas na chegada da infância à vida juvenil e adulta.

O propósito foi proceder a um levantamento bibliográfico de autores dedicados ao tema em livros, artigos, dissertações e teses nas bibliotecas físicas e virtuais de instituições de ensino superior e da CAPES. Também compuseram o campo de consulta bibliográfica as produções teóricas das principais associações psicanalíticas do Brasil, como por exemplo, as dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Pretendeu-se com este estudo atender um interesse pessoal de compreender com maior profundidade um tema que está presente em nossas vidas e que se relaciona diretamente com o inconsciente. O estudo também contribuirá para entender melhor, no âmbito teórico, a criança edipiana presente no ambiente escolar e assim, aproximar com conteúdos da pedagogia na perspectiva interdisciplinar.

A CHEGADA DA PSICANÁLISE AO ÉDIPO

O precursor da Psicanálise foi Sigmund Freud. Por intermédio de seus estudos e escritos uma nova ciência começava a surgir para tratar dos assuntos mais recônditos dos indivíduos. Temas que esses nem tinham clareza por tratar-se de elementos presentes no inconsciente, onde se encontram as informações mais precisas e detalhadas, e que de algum modo influenciou e influencia no desenvolvimento psíquico. Através das suas descobertas Freud desenvolveu técnicas para o atendimento de casos que o intrigavam. Mais especificadamente da hipnose, conseguia “aproximar-se” do inconsciente dos pacientes e assim desenvolver respostas às suas equações mentais.

Durante muito tempo usara da hipnose, como apresentado no filme Freud além da Alma, no qual em uma cena específica se depara com o subconsciente¹ de um jovem que no processo hipnótico demonstra impulso sexual pela figura da mãe, além de um sentimento de proteção da mesma, enquanto dirigia a negatividade, ira e raiva à figura paterna. (Freud além da Alma, 1962).

Deparado com a situação acima, Freud inicia uma labuta com o próprio inconsciente. Durante o sono, tem sonhos relativos ao atendimento do jovem. Entretanto seus sonhos se realizam com os personagens de sua história. Em realidade projetara as lembranças da infância interligando aos fatores momentâneos ao qual se encontrava. A esta situação se caracteriza na psicanálise como contra transferência, na qual o analista se depara fortemente ao sentimento e a situação do paciente, tendo no caso que levar ao próprio analista que no caso de Freud fora ele mesmo².

Neste sonho presenciara a cena da qual “miticamente” subia um penhasco por uma corda que estava ligada à sua mãe. Ao chegar à caverna no topo do penhasco vira sua mãe em um trono, tomado por um

sentimento afetuoso demonstrado por suas expressões não teve tempo de aproximar-se, pois o pai cortou a corda ao qual estavam ligados e Freud caiu do penhasco, acordando do sonho (Freud Além da Alma, 1962).

A cena do sonho foi meticulosamente analisada pelo autor que pôde recuperar memórias de sua infância que coincidiam com a simbologia emitida. Lembrara-se dos sentimentos perante seus pais e que se interligavam aos nominados pelo paciente no processo hipnótico. Foi através desses acontecimentos que o autor escreveu sua obra prima fundadora da Psicanálise “A Interpretação dos Sonhos” na qual demonstra seus estudos através dos sonhos e da vida que acontece no mundo onírico³. Essas investigações possibilitaram a Freud perceber e analisar a própria condição em estado de vigília⁴ e proporcionou a interpretação da simbologia criada no sonho.

Imediatamente percebemos a preocupação de Freud em vasculhar as possibilidades que estavam postas, criando a hipótese referida na interpretação onírica com a representação das próprias memórias de infância que retornaram segundo estímulo proveniente da escuta do seu paciente. Estes são os passos preliminares de Freud que o levarão ao desvendamento da sua teoria primordial do Complexo de Édipo.

Através desta descoberta (autodescoberta) Sigmund Freud buscou na mitologia a explicação e denominação para sua teoria. Embasado na tragédia grega do Édipo Rei, explicitou amplamente seus conceitos e explorou as características do tema em questão.

A mitologia havia traçado um curso semelhante às duas experiências vividas por Freud, pois a tragédia ocorrida na cidade de Tebas, na antiga Grécia, mencionado na obra de Homero apenas no século IX a.C. conta o destino da cidade, ao qual era designada pelo rei Laio ameaçado por uma terrível maldição ao qual teria destino a morte e o desposo de sua mulher Jocasta pelo próprio filho. O casal, Laio e Jocasta, tivera um filho ao qual temiam pela profecia. Diante do medo abandonaram a criança para a morte, entretanto um casal que passava pelo local encontrou-o sobre um formigueiro com os pés totalmente inchados, por isso o chamaram de Édipo, que em grego significa pés inchados. O casal residente em Corinto entregou a criança ao rei Políbio, que o criou como filho legítimo. Édipo cresceu e ao consultar o oráculo⁵ defrontou-se com a profecia que o rondava, e com medo de seu destino lançou-se ao exílio. No caminho encontrou-se acidentalmente com Laio, seu pai biológico, e após um desentendimento Édipo foi algoz do assassinato daquele homem, seu pai, sem sabê-lo. Ao chegar à Tebas deparou-se com a esfinge: monstro que amedrontava a todos, com aparência mista entre humana e leão. Essa criatura devorava quem não soubesse decifrar seus enigmas. Creonte, governante de Tebas, ofereceu um grande prêmio para quem decifrasse o enigma e livrasse a cidade daquela terrível figura: o trono de Tebas e a mão da rainha Jocasta. Édipo decifra o enigma e sem saber casa-se com sua mãe, Jocasta, com quem tem duas filhas. Foram, por muito tempo, felizes. Porém a cidade de Tebas começou a passar por momentos difíceis e então Édipo consultara o oráculo, mais uma vez, que revelou a realização da sua profecia. Ao saber da notícia Jocasta castigou-se com o suicídio e Édipo furou os próprios olhos lançando-se ao exílio. (SÓFOCLES, 2014).

REFLETINDO SOBRE OS MITOS E A FANTASIA NA PSICANÁLISE

Percebemos a ilustração bastante clara do conceito através da mitologia, pois nesta, a realização dos fatos assemelha-se também à simbologia encontrada no sonho de Freud. Entretanto, o diálogo entre mito e a psicanálise é muitas vezes questionado pela veracidade dos fatos levantados e equacionados em conceitos. A esse respeito Azevedo (2004) nos traz uma reflexão bastante peculiar:

(...) de um lado, verdade, razão, conhecimento; de outro, mito, falsidade, fantasia, engano. (...) No filosófico século IV a.C., na Grécia, temos Platão reprovando as fábulas (mythoi, em grego), os relatos fantasiosos de Homero, de Hesíodo e de outros poetas na defesa do discurso racional, filosófico e, portanto, mais verdadeiro que estava em construção. Nessa construção, o mythos dos poetas é investido de características como falso (psêudos), ruim ou nocivo (kakós), em oposição à desejável verdade (alethê). Em face desses atributos e, justamente, com o intuito de corrigi-los, se erguerá o discurso filosófico. Diferentemente dessa oposição dicotômica, presente tanto na filosofia clássica quanto no senso comum de hoje, a psicanálise, desde seus primórdios, sempre trabalhou no sentido de pôr tal oposição em questão. O que há nesse tipo de linguagem que chamamos “mito”, que a torna objeto de polêmica, (...), por outro lado, é objeto de fascínio para a psicanálise? (AZEVEDO, 2004, p. 7 e 8).

A reflexão de Azevedo (2004) caracteriza certo receio de fontes mitológicas por parte das pessoas, que estão embasadas na filosofia clássica e às quais se opunham aos mitos por serem considerados falsos e fantasiosos.

A psicanálise não adota os mitos como papéis vivenciados na realidade, entretanto são utilizados para embasar uma realidade, como havia dito anteriormente, para ilustrar uma situação, ocasião ou modo de vida. No caso do Complexo de Édipo, a mitologia trouxe uma representação do inconsciente analisadas por Freud. Talvez tivesse ele mesmo fazendo uma alusão ao paciente que o despertara. Neste caso podemos considerar a mitologia como um modelo de vida almejado por aqueles que os criaram.

No entendimento de Násio (2007b, p. 10) a fantasia pode ser vista como “um teatro mental catártico que encena a satisfação do desejo e descarrega sua tensão”. Em relação ao tema objeto deste estudo, contraposto a esta temática fantasiosa temos a pequena criança criativa que se encontra no estágio do complexo de Édipo, elaborando hipóteses referentes aos sentimentos inexplicáveis que habitam seu pequeno corpo infantil, e que não sabe explicar por nunca tê-los vivenciados anteriormente.

Portanto, a fantasia representa nas crianças, o mesmo papel que a mitologia exerce no adulto, a intenção de criar explicações sobrenaturais contrapunha com o desejo humano de ser e vivenciar na pele desses seres criados; na criança acontece o mesmo, porque é através da fantasia que ela resolve as problemáticas do cotidiano, ela detém os poderes dos super-heróis que conhece, na verdade ela é esse super-herói no “mundo da fantasia”. Essa evidência nos permite refletir o quão é propícia e saudável a imaginação infantil, auxiliando a superar os obstáculos que encontra.

Estes elementos e seres mágicos produzem nos pequeninos a fuga da realidade, lá elas podem ser o herói, a princesa, é o local que elas realizam as próprias fantasias, o que para elas é muito difícil de discernir o real do imaginário, então preservar a inocência, ou melhor, aguardar o amadurecimento individual é de extrema importância para a formação da personalidade da pessoa e das atitudes que ela pode ter ou não em relação a seus problemas.

A fantasia de que falamos não é, portanto, um vago devaneio, nem um monólogo interior, nem tampouco a voz da consciência que nos julga, guia e protege. Não, a fantasia é uma curta cena dramática extremamente rápida, quase um flash, que se repete sempre a mesma, sem nunca ser nitidamente percebida pela consciência. É então uma cena que não vemos mentalmente, mas cujos efeitos sentimos emocionalmente sem saber que é ela a causa da nossa emoção. Um sentimento de amor, asco ou ciúme, por exemplo, pode ser suscitado por uma cena invisível forjada no inconsciente para acalmar o ardor de um desejo sexual ou agressivo que exige ser satisfeito (NÁSIO 2007b, p. 12).

A infância repleta de novidades coloca a criança em uma dificuldade de posição diante de certas situações, as histórias e contos entram de forma a ajudá-los neste sentido tanto que geralmente ela se identifica com a(s) história(s) que representam a sua problemática real. As confusões causadas pelo complexo de Édipo, o rompimento familiar, as desavenças entre as princesas e suas madrastas e a morte da figura paterna causa na criança essa realização, pois para elas são incompreensíveis esses desejos escondidos que perturbam sua pureza e inocência; a respeito disso Násio (2007b, p. 14) reflete que “toda cena fantasiada é uma cena edipiana, uma vez que uma protagonista busca possuir o outro ou ser possuído por ele”, enquanto para Klein (1975, p. 32) “a fantasia pertence originalmente ao funcionamento, em termos do princípio de prazer-sofrimento”.

A partir destes conceitos, podemos deveras perceber as relações imaginativas inteiramente relacionadas à realidade da criança. O prazer e sofrimento são vivenciados de forma bastante clara na infância, sendo bem mais evidente na fase edipiana. É nessa fase que inicia o processo mais amplo de compreensão da realidade e fuga da mesma, pois ao deparar-se com variados sentimentos nunca antes vividos necessita-se de uma válvula de escape, no caso a imaginação e/ou fantasia.

A FANTASIA EDIPIANA

No interior dessa perspectiva conceitual de “fantasias”, procuramos elencar um conceito presente no esforço teórico da Psicanálise; a fantasia edipiana. Como abordamos anteriormente, a criança busca através de sua imaginação solucionar os processos ocorridos no dia-a-dia; entretanto essa fantasia ocorre de um modo bastante peculiar dentro dessa fase, e é nesta a qual será enfatizada.

Essa forma, pelos caminhos da mitologia, de “considerar” a vida cotidiana, inspirada naquelas “verdades” para sobreviver e explicar os fatos e fenômenos ocorridos no cotidiano está fortemente ancorado no conceito de fantasia⁶, esta, por sua vez, inteiramente ligada ao Complexo de Édipo, que traduz os sentimentos do indivíduo para um mundo paralelo dentro de si próprios, no qual comandam (ou não) essas sensações.

O Complexo de Édipo desenvolve-se por volta dos quatro anos de idade, tanto no menino quanto na menina⁷; e tem como características peculiares o surgimento de novas sensações e sentimentos ainda não compreendidos pelas crianças.

Geralmente, pessoas que não estejam ligadas a formação psicanalítica, pedagógica e psicológica, espantam-se quando se fala em desenvolvimento da sexualidade infantil, acarretando uma gama de preconceitos e tabus sociais, religiosos e éticos para tratar do assunto de tal importância.

Todavia, na compreensão do senso comum, explica-se a teoria freudiana de uma maneira simples e aceitável socialmente, de que os filhos meninos são geralmente mais “apegados” à mãe e que as filhas meninas são mais “apegadas” ao pai. Percebemos com isso que a teoria está vigente na sociedade, mas que se encontra de forma velada, pois na verdade o estímulo da criança está voltado para o desejo, segundo Násio (2007a), desejo este puramente sexual.

(...) Eis a novidade do Édipo! Até esse estágio, a criança não conhecia tal floração dos sentidos e nunca tinha sentido desejo tão impetuoso de se apossar do corpo inteiro do Outro e nele encontrar prazer. Que prazer é esse? O desejo é o impulso que nos leva a procurar prazer no enlace com nosso parceiro. Deseja-se sempre uma pessoa em sua carne. (...) Desejar é atirar-se para fora de si em busca da carne do outro (...). (...) Em suma, a criança

edipiana é arrastada por um impulso que a leva e pressiona a procurar prazer na troca sensual com os corpos daqueles a quem ama, de quem depende e que também são criaturas desejantes, criaturas que despertam e exercitam seu desejo (NÁSIO, 2007a, p. 24-25).

Nesse período, entre os quatro e cinco anos, a criança está vivendo o momento fálico no qual descobre, manipula e sente prazer com seus órgãos genitais. Este é o momento em que os genitores sentem, em sua maioria, muito desconforto para encarar e abordar seus primeiros desafios em relação à sexualidade⁸. Certamente por se tratar de um conflito moral e ético do próprio adulto, que compreende a criança ser “livre” dos caracteres sexuais, ainda mais sobreposto aos preconceitos acumulados durante a história da sexualidade.

Consideremos aqui algo bastante peculiar à fase edipiana, as crianças de ambos os sexos ainda não possuem uma noção genitália, a noção que elas possuem é de que todo ser humano é detentor de um falo⁹. Esse Falo exerce todo poder e soberania perante a fantasia dos pequeninos; é nele que está centrada toda a obtenção de prazer (de possuir o outro, e de ser possuído pelo detentor do falo).

Quando ocorre a descoberta da genitália, acontece um grande impulso responsável pelas fantasias de prazer e sofrimento. O menino confirma deter o poder fálico, devido a possuir um pênis e a menina sente-se enganada, traída e machucada, pois a arrancaram o falo que possuía; neste caso ambos desencadeiam uma porção de fantasias novas referentes aos objetos fálicos que os rodeiam porque agora sabem quem são os detentores do falo.

Para Násio (2007a) a representação fálica através do pênis desencadeia um sentimento de cautela no menino e um sentimento de lesão na menina por ser “despossuída do cetro da força”. Esses sentimentos estão ligados ao desejo eminente dos pais; o menino fantasia possuir a mãe, mas sabe que o pai detém o falo e possui a mãe por isso, portanto, pode romper com o falo do menino castrando-o. A menina sente-se enganada pela mãe, e convive com a decepção de não deter o falo, com isso não tem medo de perdê-lo e lança-se em busca de um para si.

Chamo essa fantasia, na qual a menina sofre com a dor de ter sido privada do precioso Falo, de “fantasia de privação”, ou, mais exatamente, “fantasia da *dor* de privação”. Enquanto o menino vivia a *angústia* de ter a perder, a menina vive a *dor* de ter perdido; enquanto o menino teme uma *castração*, a menina se ressentida de uma *privação* (NÁSIO, 2007a, p. 50).

Em outro momento complementa:

Voltemos, porém, um pouco, ao momento em que a menina descobre no menino o pênis-Falo que ela não tem. Ela sofre, sente-se lesada em seu amor-próprio e reivindica, exige mesmo, o que lhe cabe: “Quero esse Falo que me tomaram e o terei nem que tenha que arrancá-lo do menino!”, ela exclama. [...] ***O pênis não a interessa, e, às vezes, inclusive a repugna; o que a interessa e apaixona é o poder que ela lhe atribui e que a deixa com inveja.*** Mas atenção! *Inveja* não é sinônimo de *desejo*. A inveja não é o desejo. Uma coisa é invejar o Falo, outra é desejar o pênis de um homem. Vejam, a menininha tem inveja do Falo, mas a mulher deseja o pênis; a inveja é um sentimento pueril, ao passo que o desejo de pênis é um impulso próprio da maturidade. Assim, para que uma menina venha a desejar o pênis de um homem, deve primeiro transformar-se em mulher, amadurecer seu Édipo, isto é, primeiro sexualizar seu pai e separar-se dele, para, mais tarde, tornar-se a companheira que goza do corpo e do sexo do homem amado. Não, a inveja do Falo é a inveja infantil e ciumenta de uma criança magoada, vingativa e nostálgica, que quer recuperar o símbolo do poder de que julga ter sido despossuída. Observem que, nesse duelo imaginário, ela luta de igual para igual com o menino e adota uma posição de rivalidade viril (NÁSIO, 2007a, p. 53- 54).

Dentro dessas perspectivas de Násio (2007a) podemos perceber as características fantasiosas do Complexo de Édipo, pois para a criança a detenção do poder e da virilidade está centrada no falo. Representado pelo pênis, está relacionado inteiramente ao caráter masculino da sexualidade; sendo assim o motivo central da diferenciação do Édipo no menino e na menina. Essa diferenciação possibilita ambos a tomarem decisões importantes para o desfecho das suas relações com o desenvolvimento da sexualidade.

O menino, desde o princípio detém o falo (tanto imaginário quanto o representativo) e direciona desde o princípio seu desejo pelo genitor do sexo oposto, a mãe. Alimenta-se dela, não desgruda desse ser tão importante para prosseguir em vida e permanece nessa relação de objeto de desejo até o momento em que sai da fase edípiana. Já a menina, em princípio direciona-se para a mãe, pois é essencial mantenedora de sua vitalidade, e depois comprova ter sido enganada e redireciona seu desejo para o detentor do falo na relação, o pai.

Se agora eu tivesse de esquematizar a crise edípiana em duas grandes etapas, diria que o Édipo começa com a *sexualização* dos pais e termina com a *dessexualização* dos pais, dessexualização que desembocará finalmente na identidade sexual adulta. Portanto, vou expor em detalhes, passo a passo, a lógica da crise edípiana no menino e na menina, como uma lenda metapsicológica e romanceada que forjei à luz da teoria psicanalítica e de minha experiência clínica. Preciso antes, porém, indicar os principais elementos que intervêm nessa crise: os *desejos incestuosos*, as *fantasias* e a *identificação* (NÁSIO, 2007a, p. 15).

Nesse momento ocorrem os principais sentimentos de desejo, nos quais se direcionam à figura dos pais. Esse desejo incestuoso é fantasiado através de elementos condizentes aos preceitos das condições formadoras da sexualidade adulta. Essa relação de objetos propõe uma configuração que se repete, como diz Násio (2007b, p. 31) “o sujeito torna-se objeto, o sujeito se identifica com o objeto, o sujeito é o objeto”, na qual se condiciona a ser sedutor e seduzido, de possuir e ser possuído, mas todo esse ciclo se reproduz apenas no imaginário por temerem também a dor da invasão, do abuso da inocente fantasia edípiana.

É por isso que não devemos comparar os desejos infantis com os desejos adultos. Os desejos infantis se realizam na fantasia e se esvaem dando espaço para novas fantasias e novos desejos. O adulto realiza o desejo latente¹⁰ de forma física, por sinal quando se trata de um desejo sexual realiza-se através do ato sexual, diferentemente da criança. Para isso Násio (2007a) explica:

O gozo prodigioso que proporcionaria uma relação sexual plena em que os dois parceiros, criança e adulto genitor, diluiriam em uma total e extática fusão. Naturalmente, esse desejo é um sonho irrealizável, uma maravilhosa história em quadrinhos, o mito grego ou a mais louca e imemorial das fábulas. Esclareço imediatamente que as verdadeiras passagens ao ato incestuosas pai/filha ou pai/ filho e mais raramente mãe/filho são estupros relativamente raros e, quando acontecem, nunca proporcionam gozo algum, nem prodigioso nem banal (NÁSIO, 2007a, p. 25-26).

Para isso há, entretanto, fatores que na atualidade implicam na maioria das vezes essa consumação do ato abusivo das crianças; os novos formatos familiares muitas vezes são compostos por figuras maternas e paternas as quais não são verdadeiros pais e mães, biologicamente falando. Essa peculiaridade da nossa época influencia no desenvolvimento da sexualidade das crianças, pois na ausência dos genitores biológicos esses desejos e fantasias são transferidos a um terceiro. Este, todavia, pode ser o cônjuge de um dos pais biológicos, um(a) tio(a), um(a) professor(a) e até mesmo à objetos físicos, brinquedos por exemplo.

Pode-se dizer que, como professores, estamos sujeitos á ser alvo dessa projeção em sala de aula. Na maioria dos casos, as crianças que estão em idade escolar estão solucionando o complexo de Édipo; portanto há uma grande chance de sermos o primeiro objeto de desejo depois das figuras parentais. É nesse momento

que geralmente os meninos abandonam a sexualização da mãe, por medo de serem castrados pela figura paterna, e as meninas querem ser como as mães, imitando-a para “seduzir” o pai. Em primeira instância o menino redireciona seus impulsos para a professora¹¹, tornando-a objeto dessa relação, e a menina passa a personificar a identidade feminina e os trejeitos da “mulher” para satisfazer a característica de sedutora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através dessas características que os pequenos começam a direcionar a seleção dos “modelos” que serão vivenciados na vida adulta. Considerada a grande primeira neurose, o complexo de Édipo ressalva aspectos do desenvolvimento da sexualidade como também estabelece amplamente potencialidades da personalidade adulta. As definições objetais, as identificações e as projeções implicam na configuração de suas peculiaridades.

A experiência edipiana sinaliza os primeiros contatos infantis com a “porta” para a resolução de seus complexos. Os movimentos fantasiosos, o medo e angústia são fundamentais para o incremento da sua formação psíquica. Dentro das contrariedades que encontra preconiza elementos aos quais se volta para solucionar seu Édipo.

Como profissionais da educação, temos que saber identificar a fase que a criança está vivendo e saber posicionar-se em relação á mesma. Portanto, ressalvo a importância do aprendizado sobre o desenvolvimento da psique humana, que caracteriza influências e desemboca na formação da criança e posteriormente do adulto. Como estamos inteiramente ligados á essa formação, nada mais essencial para direcionar temáticas acerca principalmente da sexualidade.

A pesquisa permite refletir sobre os tabus sociais e sexuais que nos debatemos cotidianamente. Desta forma, obtemos a compreensão de que o desenvolvimento da sexualidade humana inicia-se na infância; sem que isso interfira em sua inocência e pureza, muito menos alegar que por desenvolverem- na nesta idade proporcionam maturidade adulta para discernir os desejos fantasiosos com a realização do desejo. Reafirmo a ideia de Násio (2007a) na qual explicita ser, se chegar acontecer, traumática as experiências sexuais de caráter adulto. Todo ato sensual e sexual com crianças é crime e causas danos irreparáveis ao seu desenvolvimento.

NOTAS

Este trabalho reflete uma parte dos estudos desenvolvidos no Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no contexto do projeto “O Édipo na contemporaneidade: resoluções e transferências”.

1. Trataremos nesse texto de termos como inconsciente que em psicanálise é um lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena”; consciente serve para indicar a localização de certos processos constitutivos do funcionamento do aparelho psíquico e subconsciente á que pensamos e logo arquivamos.
2. Conceito de transferência segundo o Dicionário de Psicanálise (1998, p. 761) refere-se ao deslocamento, substituição de um lugar para o outro; de um objeto para o outro. Já o conceito de Contra transferência (1998, p. 133) segundo o mesmo dicionário trata-se da relação do analista com as transferências do analisado.
3. O mundo onírico são as peculiaridades individuais que possam tornar inteligível para as outras pessoas; são as simbologias criadas pelos indivíduos através dos sonhos.
4. O estado de vigília refere-se à quando o indivíduo está consciente, neste caso acordado.
5. Em uma discussão, Édipo recebe a notícia de que Políbio não é seu pai. Curioso, então, resolve consultar o oráculo de Apolo que revela uma situação bem mais agravante no qual o destino reservava um duplo crime: matar seu pai e desposar sua mãe (SÓFOCLES, 2014).

6. Termo utilizado por Sigmund Freud, primeiro no sentido corrente que a língua alemã lhe confere (fantasia ou imaginação), depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato da elaboração da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria da sedução designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originária (Dicionário de Psicanálise, 1998, p. 223).
7. Anteriormente denominavam-se de formas diferentes ao Complexo de Édipo. No menino era denominado Complexo de Édipo e na menina Complexo de Elektra. Atualmente definiu-se a nomenclatura igual para ambos os sexos, apenas distinguindo-os, por exemplo, Édipo do menino e Édipo da menina.
8. Um exemplo que ilustra essa condição é o momento do banho da criança, pois ao higienizá-la proporcionam momento de prazer que não é compreendido pelos pais.
9. Diversas palavras são empregadas para designar o órgão masculino. Se a palavra pênis fica reservada ao membro real, a palavra falo, derivada do latim, designa esse órgão mais no sentido simbólico, ao passo que denominamos de itifálico (do grego *ithus*, reto) o culto do falo como símbolo do órgão masculino em ereção. Investidos de suprema potência, tanto na celebração dos antigos mistérios quanto em diversas religiões pagãs ou orientais, os deuses itifálicos e o falo foram rejeitados pela religião monoteísta, que considerava que eles remetiam a um período bárbaro da humanidade, caracterizado por práticas orgíacas. (Dicionário de Psicanálise, 1998 p. 221).
10. Equivalente aos desejos mais fervorosos, à flor da pele, porém subentendido, oculto.
11. Digo isso por na maioria dos casos serem professoras- mulheres- que trabalham na educação de crianças de idades entre quatro e seis anos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Alves. **Mito e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD Além da Alma. Direção: John Houston. Produção: W.Reinhardt, C.Kaufman. Intérpretes: Montgomery Clift. [S.l.]: Universal International Pictures. 1962.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. **Um caso de histeria**: Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.

NÁSIO, Juan-David. **A Fantasia**: O prazer de ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2007b.

_____. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SÓFOCLES. **Édipo Rei-Antígona**. 2ª Revisão. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

